



ISSN: 2230-9926

Available online at <http://www.journalijdr.com>

IJDR

International Journal of Development Research

Vol. 10, Issue, 08, pp. 39642-39644, August, 2020

<https://doi.org/10.37118/ijdr.19763.05.2020>



RESEARCH ARTICLE

OPEN ACCESS

AMAMENTAÇÃO: DESAFIOS E POSSIBILIDADES DA MULHER COM DIAGNÓSTICO DE CÂNCER DE MAMA

Kenia Oliveira Barbosa da Hora¹, Niquélen Bianca Miller França², Raisa Silva dos Santos³, Mariana Lopes Teixeira⁴, Karolina Farias Monte Palma⁵, Bruno da Silva Lourenço⁶ e Flaviana Pereira Bastos Nascimento⁷

¹Enfermeira. Mestranda em Enfermagem pela EEAN/UFRJ, Especialista em Terapia Intensiva e Oncologia
Professora Auxiliar da Universidade Estácio de Sá, Rua Lúcio Alves 450 bl7 Casa 106 Bangu- RJ

²Enfermeira. Doutora em Psicologia Social, Mestre em Psicologia pela Universidad John Kennedy, Professora
Auxiliar da Universidade Estácio de Sá, Estr, Dr. Plínio Casado, 1466, Nova Iguaçu - RJ

³Graduanda em Enfermagem pela Universidade Estácio de Sá, Estr, Dr. Plínio Casado, 1466, Nova Iguaçu - RJ

⁴Graduanda em Enfermagem pela Universidade Estácio de Sá, Estr, Dr. Plínio Casado, 1466, Nova Iguaçu - RJ

⁵Graduanda em Enfermagem pela Universidade Estácio de Sá, Estr, Dr. Plínio Casado, 1466, Nova Iguaçu - RJ

⁶Enfermeiro, Mestre em Enfermagem em Saúde Mental, Especialista em Enfermagem em Terapia Intensiva pela
EEAN/UFRJ, Professor Auxiliar da Universidade Estácio de Sá, Estr, Dr. Plínio Casado, 1466, Nova Iguaçu - RJ

⁷Enfermeira. Doutoranda em Enfermagem pela EEAN/UFRJ, Professor de Ensino Superior da Associação
Brasileira de Ensino Universitário-UNIABEU

ARTICLE INFO

Article History:

Received 18th May 2020

Received in revised form

19th June 2020

Accepted 05th July 2020

Published online 30th August 2020

Key Words:

Aleitamentomaterno, Neoplasias da mama,
Mulheres, Pesquisaem Enfermagem.

*Corresponding author: *Francielle A. Martins*

ABSTRACT

Ocâncer de mama aniquila a vida de mulheres, aproximadamente 23% dos casos diagnosticados para esse carcinoma em todo mundo. Com uma taxa de sobrevivência mediante o estágio do tumor em média de 5 anos, em países desenvolvidos de 85% e em desenvolvimento de 60%. Tem como objetivo refletir sobre as principais questões que envolvem desafios e as possibilidades da amamentação por mulheres com diagnóstico de câncer de mama e submetidas a mastectomia à luz da teoria da adaptação de Callista Roy. Com ênfase nas adversidades e na capacidade de ressignificação das que podem amamentar e as perspectivas de estimativa e bases conceituais sobre o câncer de mama e as mulheres mastectomizadas. Durante a pesquisa se observou que o ato de amamentar durante o tratamento oncológico ou após a mastectomia envolve a capacidade de superação dos medos e as incertezas, perante a possibilidade de amamentar o filho. Assim, a mulher que redireciona o seu sentido para a função de ser mãe afável de forma responsável e livre de dogmatismos, com uma ação de amor outro ser. Por conseguinte, amamentar é um ato de empoderamento e de doação, um momento único de formação de vínculos afetivos entre o binômio mãe-bebê.

Copyright © 2020, Kenia Oliveira Barbosa da Hora et al. This is an open access article distributed under the Creative Commons Attribution License, which permits unrestricted use, distribution, and reproduction in any medium, provided the original work is properly cited.

Citation: Kenia Oliveira Barbosa da Hora, Niquélen Bianca Miller França, Raisa Silva dos Santos, Mariana Lopes Teixeira et al. "Amamentação: desafios e possibilidades da mulher com diagnóstico de câncer de mama", *International Journal of Development Research*, 10, (08), 39642-39644

INTRODUCTION

Desde os primórdios, o ato de amamentar era rodeado de incertezas e tabus. Ao longo dos anos, a ciência evoluiu e trouxe com as inúmeras pesquisas, discussões que transformaram o cuidado relacionado a amamentação, contudo persiste a necessidade, nos tempos atuais, de dissertar a temática desafios e possibilidades em mulheres com diagnóstico de câncer de mama envolto da amamentação consistindo de uma ampla reflexão científica.

É notória a escassez de conteúdos que abordem sobre a garantia e a possibilidade da amamentação por mulheres diagnosticadas ou com antecedentes de câncer de mama. A chance de poder disponibilizar a mama como fonte de alimentação para um filho, ainda que tenha passado por um processo difícil como o câncer mamário, é de extrema magnitude tanto para a mulher, bem como para o bebê, pois é nesse instante que a formação do vínculo acontece, ou seja, é o momento em que o filho passa a se sentir seguro e aconchegado pela mãe.

A amamentação deve ser iniciada nas primeiras horas de vida do neonato, pois colabora para o amadurecimento e evolução do bebê e expõe benefícios relacionados à saúde imunológica, psicológica e nutricional. Complementarmente, leva a uma relevante diminuição no óbito infantil (Santana, Brito & Santos, 2013). Nesse sentido, a enfermagem revela-se como importante suporte de educador, apoiador e cuidador, nesse contexto de assistência à puérpera, na fase que dúvidas e limitações se afluam no contexto binômio mãe-bebê, envolvidos durante o ciclo que está relacionado ao aleitamento materno. Contudo mais pertinente e desafiador, aquela mulher após-diagnosticada câncer mamário e/ou mastectomizada.

A chance de poder disponibilizar a mama como fonte de alimentação para um filho, ainda que tenha passado por um processo difícil como o câncer mamário, é de extrema magnitude tanto para a mulher, bem como para o bebê, pois é nesse instante que a formação do vínculo acontece, ou seja, é o momento em que o filho passa a se sentir seguro e aconchegado pela mãe. Dessa forma, para o desenvolvimento de um cuidado integral, pautado na atenção às necessidades de ordem física e emocional, é importante que profissionais enfermeiros considerem os sentimentos vivenciados por mulheres. Desse modo, tais profissionais tornam-se mais aptos à realização de ações de saúde ao estabelecer uma assistência de qualidade, com ênfase na humanização e na integralidade (Silva, 2019). O artigo tem como objetivo refletir sobre os desafios e as possibilidades da amamentação por mulheres com diagnóstico de câncer de mama à luz da teoria da adaptação de Callista Roy. Com ênfase nas adversidades e nos dilemas da prática da amamentação entre estimativa e bases conceituais sobre a amamentação, do câncer de mama e mulheres mastectomizadas.

Aspectos conceituais sobre câncer de mama: O câncer é definido como sendo uma doença crônico-degenerativa, sem processo curativo definido, causado a partir da multiplicação desordenada de células anormais que podem acometer tecidos e órgãos, acometendo cada vez mais a população. A sua incidência pode estar associada a múltiplos fatores, como exemplo a desordem genética, ambiental, hábitos de vida, dentre outros. O câncer de mama é responsável pela maior taxa de mortalidade no sexo feminino, as estimativas apontam 66.280 novos casos, com 16.927 números de mortes, sendo 16.724 mulheres e 203 homens (Brasil, 2019). Já é sabido que o câncer de mama também acomete aos homens, ainda que de forma rara, representando apenas 1% do total dos casos. Segundo dados do DataSUS no período de janeiro de 2015 a dezembro de 2015 foram realizadas 289.916,17 mastectomias simples oncológicas pelo SUS, dados que são ainda mais alarmantes se comparados ao do período de janeiro de 2019 a dezembro de 2019 onde foram realizadas 427.465,85. A mama é um órgão sexual, por isso a mastectomia desencadeia mudanças relacionadas à sexualidade da mulher, tendo em vista que a intervenção interfere diretamente em sua identidade, o que pode levá-la à diminuição do sentir-se mulher. Em uma publicação do Sindicato dos médicos do Rio grande do Sul o mastologista Rogério Grossmann, presidente da Sociedade Brasileira de Mastologia – Regional RS, afirmou o quê de 4% a 8% dos casos de ocorrência de câncer de mama são em mulheres menores de 35 anos, que é o caso da americana Sarah Whitney, relatado na mesma publicação, onde após o diagnóstico de câncer de mama com 20 semanas de gravidez iniciou um tratamento com quimioterapia e foi submetida à mastectomia na mama esquerda.

A amamentação deve ser iniciada nas primeiras horas de vida do neonato, pois colabora para o amadurecimento e evolução do bebê e expõe benefícios relacionados à saúde imunológica, psicológica e nutricional. Complementarmente, leva a uma relevante diminuição no óbito infantil (Santana, Brito & Santos, 2013). As mamas para as mulheres se mostram duplamente importantes, com início na sexualidade e autoestima até a fundamental responsabilidade de amamentar. Ou seja, mama feminina tem relevância na nutrição e também completa a aparência física e personalidade da mulher (Silva et al., 2010). O câncer de mama quando diagnosticado precocemente, muitas vezes, tem alta possibilidade de cura, através da retirada da mama, tratamentos radioterápico e quimioterápico. Grandes partes das mulheres afetadas pelo câncer em idade fértil manifestam desejo de ter uma gestação e vontade de amamentar. Mulheres com apenas uma das mamas afetadas podem oferecer a mama saudável ao bebê, sem muita dificuldade e, com auxílio profissional. Deste modo, traz inclusive benefícios para a saúde mental, compreendendo que poderá ainda aleitar seu filho (Godoy et al., 2016). No momento de retirada da mama aparecem diversas dúvidas, principalmente no que diz respeito à aparência física. A mutilação é caracterizada como um evento violento e cruel para a mulher a que vivência, especialmente as mais jovens, porém com o progresso terapêutico atual, as condutas são mais acessíveis, como a retirada parcial das mamas que viabiliza a lactação através da mama saudável, inclusive na que sofreu retirada de um quarto.

Desafios da mulher com câncer de mama: Na contemporaneidade o câncer de mama ceifa a vida de mulheres, segundo a Organização Mundial de Saúde (OMS), uma porcentagem de 23% dos casos diagnosticados para esse tipo de carcinoma em todo mundo. Com uma taxa de sobrevivência mediante o estágio do tumor em média de cinco anos, em países desenvolvidos de 85% e em desenvolvimento de 60% (Braz, 2020). Destarte, as mulheres com menos de 35 anos representam uma baixa incidência o diagnóstico precoce do tumor maligno de mama. Uma vez que, os indícios da patologia na maioria dos casos são desconsiderados ou confundidos com outros sintomas, devido a improvável detecção do nódulo no tecido mamário com aspecto denso, nessa faixa etária. Dessa forma, a maioria das mulheres com menos de 40 anos não realizam o exame de mamografia, pois este não faz parte do protocolo de atendimento, no entanto, quando acometidas por um tumor com aspecto agressivo com padrões de reincidência e recidiva local são cinco vezes mais elevados que em mulheres acima de 45 a 50 anos aproximadamente, variando de 12 a 35 %, com um péssimo prognóstico (Moura, Santos & Partele, 2015).

Assim, de acordo com o protocolo de Diretrizes para Detecção Precoce de Câncer de Mama no Brasil do Instituto Nacional de Câncer (Brasil, 2015) é indicado à realização da mamografia e a ressonância magnética anualmente, a partir dos 30 anos e por mulheres que se enquadram no grupo de risco, como no caso de quem reúne fatores como mutações genéticas, como, por exemplo, de BRCA1 e BRCA2, e principalmente, com histórico familiar de câncer. Nesse sentido, o desafio de amamentar durante o tratamento de câncer de mama ou na pós mastectomia é uma realidade de natureza impactante diante as crenças e o medo que envolve tais situações que desafia a existência da mulher. Uma vez que, que a aflige diretamente na sua imagem corporal, a representação da sua feminilidade e da sua sexualidade.

No entanto, vale considerar que na atualidade o procedimento tem se tornado menos descomplicado, com a mastectomia parcial e a segmentar, o que viabiliza a produção e a liberação do leite materno pela mama que foi preservada ou na mama que foi submetida à quadrantectomia (Oliveira, Silva & Prazeres, 2017). Outro ponto, relevante e desafiante são os fatores de risco para o câncer de mama alusivo às mulheres na fase de perimenopausa, que apresentam elevados indicadores desse tipo de carcinoma entre as que pretendem engravidar e amamentar, uma atitude de responsabilidade e de livre decisão, para ser acompanhada e orientada pelos profissionais de saúde (Portela & Sampaio, 2018). Em uma perspectiva para amamentação durante o tratamento de câncer e na pós-mastectomia se encontra o maior desafio, o dinamismo para o sentido da viabilização das estratégias de prevenção e controle do câncer de mama, dividida em primária e secundária (Brasil, 2019). Na primeira com a inclusão de hábitos de vida saudável, aguçando a consciência para alimentação nutritiva, para os malefícios do sedentarismo, da obesidade, o stress em graus elevados, e na segunda o rastreamento e o diagnóstico precoce do câncer de mama com maiores chances de tratamento e de cura.

Possibilidades da amamentação em mulheres com diagnóstico de câncer de mama: Durante o tratamento com mulheres diagnosticadas com câncer de mama, algumas intervenções são realizadas nesse processo como radioterapia, cirurgia e quimioterapia. Desde então, a severa necessidade de avaliação dessa mulher no que tange a sua fisiologia, principalmente, além do emocional para contabilizar o grau de possibilidades para a realização do ato de amamentar. No entanto, determinados quimioterápicos são incompatíveis e inapropriados para a criança com risco de reações adversas ao bebê, o que inviabiliza amamentação. Assim, como a radioterapia, que incita raios gama diretamente nessa mama, causando morte das glândulas e ductos mamários impossibilitando a produção de leite. (Brasil, 2019). Outro ponto, a considerar são as alterações nas dimensões emocionais, psicológicas e físicas de forma agressiva que envolve as mulheres após o diagnóstico e a cirurgia. Uma vez que, a mastectomia se classifica como radical e parcial, a primeira impossibilita a amamentação, e a subsequente possui 50 % de chances de essa mulher dar continuidade a sua sexualidade e o intuito de amamentar, mesmo com um diagnóstico rodeado de dor e sofrimento (Lorenz, Lohmann&Pissaia, 2019).

Diante do exposto, a mulher que sofre com os eventos que envolvem o câncer de mama e procedimentos cirúrgicos como a mastectomia, permite uma reflexão acerca da importância das habilidades socioemocionais para as mulheres que recebem o diagnóstico evenciam o tratamento, de maneira resiliente que a redireciona para o fortalecimento do vínculo mãe e bebê e a resignificação da vontade de sentido para superação de sentimentos, como, de insegurança, o medo, a raiva, que possam influenciar ou impossibilitar a amamentação. Nesse contexto, é importante salientar que o incentivo a mulheres pós mastectomizadas e, que se encontram possibilitadas à amamentação é de grande plenitude e magnificidade.

REFERÊNCIAS

- Brasil. 2019. Instituto Nacional de Câncer José Alencar Gomes da Silva (INCA). Coordenação de Prevenção e Vigilância. Estimativa 2019, Incidência de Câncer no Brasil. [acesso em 30 de julho 2020]. Disponível em: <https://www.inca.gov.br/search/conteudo/preven%C3%A7%C3%A3o%20o%20c%C3%A2ncer%20de%20mamahttps://www.inca.gov.br/search/conteudo/preven%C3%A7%C3%A3o%20o%20c%C3%A2ncer%20de%20mama>
- Brasil. 2015. Instituto Nacional de Câncer José Alencar Gomes da Silva (INCA). Rio de Janeiro: INCA, [acesso 30 jul 2020]. Disponível em: <https://www.inca.gov.br/publicacoes/livros/diretrizes-para-deteccao-precoce-do-cancer-de-mama-no-brasilhttps://www.inca.gov.br/publicacoes/livros/diretrizes-para-deteccao-precoce-do-cancer-de-mama-no-brasil>
- Braz JH. 2020. O enfermeiro e a amamentação pós câncer de mama: O desbravar das intervenções. Rev. Curitiba [acesso 29 jul 2020];3(3):4396-4403. Disponível em: <https://www.brazilianjournals.com/index.php/BJHR/article/view/9910/8327>
- Godoy MK, Soares M, Guth A, Korb, Rezer JFP et al. 2016. Mastectomia e estética corporal: uma revisão. Salão do conhecimento - UNIJUÍ, [acesso 25 jul 2020]. Disponível em: <https://publicacoeseventos.unijui.edu.br/index.php/salaocnhhecimento/article/view/6644/5415>
- Moura JR, Santos JM, Partele M. 2015. Idade precoce do câncer de mama e suas implicações, Rev. Brasileira de Medicina, [acesso 30 jul 2020];72(9). Disponível em: <https://pesquisa.bvsalud.org/portal/resource/pt/lil-774678?lang=enhttps://pesquisa.bvsalud.org/portal/resource/pt/lil-774678?lang=en>
- Oliveira FBM, Silva FS, Prazeres ASB. 2017. Impacto do Câncer de Mama e da Mastectomia na Sexualidade Feminina. Rev. Enfer. UFPE, [acesso em 29 de julho 2020];11(6):2533-40. Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/scielo>
- Portela, HS, Sampaio, JMC. 2018. Câncer de Mama em Mulheres Jovens: Uma Revisão Integrativa. Uniceub, [acesso em 30 de julho 2020]. Disponível em: <https://repositorio.uniceub.br/jspui/bitstream/prefix/13024/1/21450981.pdfhttps://repositorio.uniceub.br/jspui/bitstream/prefix/13024/1/21450981.pdf>
- Santana JM, Brito SM, Dos Santos DB. 2013. Amamentação: conhecimento e prática de gestantes. Mundo da Saúde, [Internet]; 2013 [acesso em 28 jul 2020];37(3):259-267. Disponível em: http://www.saocamilosp.br/pdf/mundo_saude/106/1822.pdf
- Silva SED, Vasconcelos EV, Santana ME, Rodrigues ILA, Leite TV, Santos LMS et al. 2010. Representações sociais de mulheres mastectomizadas e suas implicações para o autocuidado. Rev. bras. Enferm, 63(5):727-734. DOI: <https://doi.org/10.1590/S0034-71672010000500006>
- Lorenz AS, Lohmann PM, Pissaia LF. 2019. Impactos da mastectomia em mulheres diagnosticadas com câncer de mama em relação a autoimagem. Research, SocietyandDevelopment, [acesso 5 ago 2020];8(7):32. Disponível em: <https://dialnet.unirioja.es/servlet/articulo?codigo=7164739>